EXPEDITO ARNAUD
(1916-1992)

LOURDES DE FÁTIMA GONÇALVES FURTADO
Museu Paraense Emílio Goeldi

Dia 13 de dezembro de 1992, a cidade ainda dormia nos braços da ante-manhã, quando ele partiu, deixando a grande aldeia e indo ao encontro de Maíra! Um ataque cardíaco ceifou-lhe a vida, interrompendo a trajetória que parecia ainda ir longe.

A retirada foi discreta, como discreta foi sua vida de cidadão e de cientista. Deixou na "matula" um farto acervo que contribuiu ao conhecimento dos grupos indígenas amazônicos, particularmente dos Asuriní, Parakanân, Gaviões do Oeste, Galibí do Oiapoque, Palikúr, Anambé, Wayanpí, Emeriôn, Kararaô, Mundurukú, Araweté, Mirâña, Tembé, Tukúna, Gorotíre, Canelas (Ramkokamekrá), Xipáya, Kuruáya, Karipúna. O elenco de publicações que compõem a obra do decano dos antropólogos do Museu Paraense Emílio Goeldi pode servir para ilustrar uma parte da história da Antropologia na Amazônia e no Brasil. Quarenta e nove trabalhos foram publicados entre 1961 a 1989. Em 1990, seis foram entregues para publicação.

Em 1942 foi admitido como auxiliar da 2ª Inspetoria Regional do Serviço de Proteção aos Índios. Aí teve aberto o caminho para exercer o ofício de antropólogo, chegando à aposentadoria em 1991 como Pesquisador Titular, já no CNPq/MPEG. A convivência com grupos indígenas, sertanistas, agentes de Postos Indígenas e o manuseio constante e febril de farta documentação sobre índios da Amazônia lhe encaminharam a pesquisa científica. A partir de 1948, travou contatos com Alfred Métraux, Charles Wagley, Eduardo Galvão, Darcy Ribeiro, Max Budin, Herbert Baldus, Helena Palmatary, Harald Schultz, Nunes Pereira e outros, nas reuniões

Anuário Antropológico/92
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994

semanais do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará. Em 1959 foi convidado por Galvão para estagiar no Museu Goeldi.

Em 1960 é convidado para chefiar a 1ª Inspetoria Regional do SPI em Manaus, mas preferiu continuar no Goeldi, trabalhando com Galvão. Aí foi bolsista do CNPq até tornar-se funcionário do quadro em 1975. Durante sua permanência no Goeldi, fez diversos cursos na UFPa, enriquecendo seu *curriculum vitae.* Ministrou cursos, proferiu conferências, participou do GTs e de debates sobre indigenismo, emitiu pareceres científicos sobre grupos indígenas (Kayabí, Gaviões do Oeste, Txukahamâe, Cinta Larga, Borôro e Xavânte) e orientou bolsistas e funcionários da instituição.

Chefiou a Seção de Antropologia do MPEG entre 1976 e 1978, e o Departamento de Ciências Humanas entre 1985 e 1988.

Em resposta ao seu mérito, recebeu distinções e honrarias, destacando-se a Medalha Marechal Cândido Rondon, pela Sociedade Geográfica Brasileira (1987); o Diploma de Pesquisador Emérito do Museu Paraense Emílio Goeldi, conferido pelo CTC/MPEG (1988); Honra ao Mérito pela Câmara Municipal de Belém (1991); e o Grau de Comendador da Ordem do Mérito Grão Pará, conferido pelo Governo do Estado do Pará (Decreto Estadual nº 358, de 2-10-91).

Expedito Arnaud se foi, não se ouve mais o ritmo febril de sua máquina de escrever, nem os bate-papos estimulantes de fins de tarde ou das horas meridianas; ficou o silêncio e o vazio entre os colegas que o admiraram, entretanto compensados pelo legado transmitido: rico patrimônio científico, impecável experiência de trabalho de campo, exemplo de dedicação à pesquisa científica e de convivência salutar com aqueles que tiveram o privilégio de partilhar de sua trajetória antropológica.

Expedito Arnaud deixou um grande e inequívoco contributo à Antropologia, na medida em que, realizando uma séria e fecunda etnografia dos povos que estudava, proporcionou consistentes conhecimentos sobre política indigenista. Nesse campo teve destacado papel.

Essencialmente etnógrafo, legou-nos um rico patrimônio científico que, afinal, ilustra parte da Antropologia na Amazônia e no Brasil[1].

---

1. Os trabalhos de Expedito Arnaud estão arrolados no *Boletim do Museu Parense Emílio Goeldi*, Série Antropologia, 7 (2), 1991, publicado em sua homenagem.